

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES		CÓDIGO DA FICHA					
		SP	04	--	2012	F20	06
		UF	SÍTIO-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Quilombo Galvão
LOCALIDADE	Quilombo Galvão
MUNICÍPIO / UF	Eldorado e Iporanga/SP

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Santa Cruz		
OUTRAS DENOMINAÇÕES			
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO	☒ MEMÓRIA	☐ RUÍNA

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

--

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

Santa Cruz, celebrada sempre no dia 03 de maio, é uma data importante do calendário religioso nos quilombos do Vale do Ribeira. Das 10 comunidades que incluíram a celebração em seu inventário, apenas 4 delas mantém a prática. Nas outras 6, a celebração foi classificada na condição de memória. Normalmente, a celebração consiste no deslocamento do grupo em procissão até um cruzeiro, localizado em um morro alto ou local central do território, onde são feitas as orações. É comum que as cruzeiros sejam feitas de cedro, não apenas os cruzeiros, mas as cruzeiros do cemitério também. Alguns relatos mencionaram que o pedaço de cedro, quando fincado no chão, brota e se torna uma árvore frondosa. Os moradores de Galvão celebravam Santa Cruz junto com os moradores de São Pedro, quando São Pedro ainda era conhecido como Lavrinha. Foi com a divisão ocasionada pela construção das escolas uma no São Pedro, outra no Galvão, que os dois núcleos de ocupação começaram a se tornar independentes. Mais tarde, com a criação das associações quilombolas e a demarcação de dois territórios separados, Galvão e São Pedro se dividiram formalmente. Esta separação, entretanto, não reflete divisões entre os moradores, que sempre se reuniram para as celebrações religiosas e que possuem estreitos vínculos de parentesco e históricos. Jovita lembra como era a celebração de Santa Cruz no passado: "Antes não tinha esse negócio de comunidade, juntava todas elas e fazia a celebração de Santa Cruz em algum lugar. A Santa Cruz era muito lembrada em São Pedro, Galvão e Nhunguara. No São Pedro, que era nossa raiz central de

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**SP 04 -- 2012 F20 06**

toda nossa oração. Lá eu assisti desde criancinha como fazia: começava com procissão, carregava a cruz e o mastro, cantando os cânticos bem do passado. Depois chegava no pé da igreja, dava a volta pelo lado direito e levantava o mastro em frente a igreja. A cruz chegava e era guardada porque na igreja já tinha uma fincada no chão de barro da igreja, na frente do altar. No real dos antigos, o mastro é feito de cedro, da mesma madeira que ponhamam Cristo nele. O cedro ele espanta o mal. É bom andar com uma casquinha dele no bolso. O cântico era assim:

*Bendito louvado seja
No céu a Divina Luz
Nós também aqui na Terra
Louvamos a santa cruz
Os anjos no céu louvamos...*

No baile tinha viola e fuque-fuque (no lugar de cuíca): é instrumento feito de couro de tamanduá, de bode ou de veado com um pedaço de madeira bem lavradinho, puxavam ele com um paninho" (Jovita, Galvão, 2011).

Com a divisão territorial, Galvão construiu uma igreja perto da escola. Mas com grande parte dos moradores convertidos às religiões pentecostais, a celebração de Santa Cruz não se sustentou e deixou de ocorrer:

"Aqui em Galvão, a gente celebrou a Santa Cruz até uns 4 ou 5 anos atrás. Daí a igreja foi mudada de lugar e ainda a gente não fez. Colocamos a cruz na frente da igreja, mas alguns começaram a amarrar burro nela, e isso é desrespeito. Então, no 3 de maio não tamo fazendo nada" (Jovita, 68 anos Galvão, 2011).

Como já mencionado, quando a localidade de São Pedro era conhecida como Lavrinha e não tinha separação com Galvão, a celebração mais importante era Santa Cruz. Quando foi estabelecido São Pedro padroeiro, a Santa Cruz deixou de ocorrer. Subsiste apenas na memórias dos mais velhos. O relato enfatiza a origem da celebração, e sua relação com o sucesso das plantações. Fica evidenciada a importância do ofício de capelão e do curandor e a prática de enfeitar a cruz de cedro com papéis e flores coloridas.

"Dizem que tinha um curandor que plantava muita planta aqui por perto e uma época não tava dando nada. Nessa mesma época, as pessoas que moravam aqui diziam que viam uma pessoa gritando pelos morros aqui em volta. Então esse curandor, que era de Pilões, o João Pedro, ele era meu avô, porque minha avó era mãe solteira, mas ele era o pai da minha mãe. Ele veio aqui e disse que as pessoas tinham que pegar uma madeira que chama cedro, fazer uma cruz e fincar em algum lugar pra essa voz sair do lugar e deixar de atrapalhar o bairro. Ele mandou e os mais antigos fizeram essa cruz de cedro, foi o começo da Santa Cruz, por isso que todo dia 3 de maio eles celebravam. A cruz foi fincada no mesmo lugar onde hoje é a capela, eles construíram até uma capelinha de madeira em volta da cruz, e depois o bispo padre fez que tirasse a cruz da igreja então ela tá fora.

Depois que começaram a celebrar Santa Cruz aqui a colheita parou de secar. Saía tudo, isso é real mesmo. Até hoje tem um homem de Iporanga que conta a mesma história. Ninguém nunca mais viu o homem que passava gritando. Diziam que era homem. Como aqui era lugar de escravo, os mais velhos diziam que alguém matou um deles e jogou em algum lugar que não era certo de enterrar, daí o espírito ficou vagando por aqui, por entre os morros. Todo mundo tinha medo, porque era tudo mato, só tinha caminho. A cruz espantou esse espírito porque a fé das pessoas era muito forte na religião católica, depois que o João Pedro falou que ia dar certo, eles começaram a fazer reza.

Eu peguei muito pouco [da celebração de Santa Cruz], porque era criança, eu ia com a minha mãe. A minha mãe ajudava, ela gostava muito de enfeitar a cruz com papelzinho, fazia flor e coroa pra levar na celebração de Santa Cruz. O pessoal vendia cepa de cana pra tirar um dinheirinho pra fazer a festa, matava porco também, tirava coisa da roça pra servir.

A celebração de Santa Cruz era com a turma de São Pedro e de Galvão, que na época era a mesma coisa. A turma se juntava, vinha pra onde hoje é a capela. Naquele tempo era mais alto, o morro foi baixado hoje. Era uma cruzona de madeira, de cedro. O pessoal subia lá e fazia a reza, um terço. O capelão era o Jamar de Paula Souza. Minha mãe falava que antes dele tinha um de Ivaporunduva, o Abdias Dias, depois veio o João Atibaia e depois o Jamar. O capelão rezava o terço, as pessoas ajudavam e depois todo mundo ia tomar café e ia embora pra casa. Daí a noite tinha a festinha com pouca gente, só daqui mesmo. Era uma festa pequena, só uma tradiçõzinha mesmo pro bairro não ficar sem nada de movimento. Tinha quermesse, com leilão gritado: leiloava porco, galinha, verdura.

Hoje não tem mais celebração de Santa Cruz, tinha antes. Depois da história do padroeiro da comunidade mudar pra São Pedro, a gente tem festa e missa no dia dele só. Eu achei que foi errado isso e de mudarem o padroeiro da comunidade. Eu não entendi porque as pessoas deixaram de celebrar Santa Cruz" (Elvira Morato, 72 anos, São Pedro, 2012).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	SP	04	--	2012	F20	06
--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

--

5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO

5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO

6. TEMPO

DATA	☒ DATA FIXA: DIA 3 MÊS MAIO ☐ DATA MÓVEL:										
DURAÇÃO	DE _____ A _____										
PERIODICIDADE	☒ ANUAL ☐ OUTRA ESPECIFICAR _____										
OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990 TODOS OS ANOS ATÉ, APROXIMADAMENTE, 2007											
1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

7. HISTÓRIA

7.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

7.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					SP	04	--	2012	F20	06
--	--	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

7.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO

8. ATIVIDADE**8.1. PROGRAMAÇÃO**

ETAPA	ATIVIDADE

8.2. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO

8.3. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO	

8.4. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	
DISPONIBILIDADE	

8.5. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				SP	04	--	2012	F20	06
--	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

8.6. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

8.7. TRAJES E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

8.8. DANÇAS

DESCRIÇÃO	
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

8.9. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

8.10. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

8.11. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				SP	04	--	2012	F20	06
--	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

--	--

9. PÚBLICO

DESCRIÇÃO

10. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO

11. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

--

12. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

12.1.DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

12.2.REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

12.3.REGISTROS FOTOGRÁFICOS

13. OBSERVAÇÕES

13.1.APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	SP	04	--	2012	F20	06
--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

13.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

--

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

--

14. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	6		
PESQUISADOR(ES)	ANNA MARIA ANDRADE, JULIANA FERREIRA, VALDIR RODRIGUES DA SILVA, ILIONILDO APARECIDO DOS SANTOS E JASIEL APARECIDO SANTOS		
SUPERVISOR	Anna Maria Andrade		
REDATOR	Anna Maria Andrade e Juliana Ferreira		DATA 05/2012
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Anna Maria Andrade		